

Migração Internacional em Anos Recentes

Caroline Todeschini

Doutoranda em Economia (PPGE/UFRGS)

Professora colaboradora Decon/Unicentro

RESUMO

O presente trabalho objetivou apresentar o perfil dos migrantes internacionais, focando nos trabalhadores migrantes, e as possíveis causas de sua migração em anos recentes, tendo como base os relatórios divulgados pela OIM, em 2019, e pela OIT, em 2018. Também foi apresentada uma revisão de literatura sobre o tema, em especial autores do pensamento econômico. A presente pesquisa possui caráter qualitativo e também contou com análise descritiva de dados numéricos. Constatou-se que a migração entre países pode ser ocasionada por fatores diversos, mas que predomina a busca por condições melhores de vida, seja em termos econômicos, seja em questões relacionadas à segurança. Observou-se que, em 2019, 3,5% da população mundial era migrante, sendo que, em 2018, cerca de 63% dos migrantes internacionais eram trabalhadores e, dessa parcela, mais de 86% estavam em países de renda alta ou média alta. Os resultados indicam que a formação e história econômica dos países e políticas de cunho imperialista podem afetar o deslocamento de seres humanos entre diferentes territórios.

Palavras-chave: Economia política internacional. Migração laboral. Migrantes internacionais.

ABSTRACT

The present work aimed to present the profile of international migrants, focusing on migrant workers, and the possible causes of their migration in recent years, based on the reports released by the IOM in 2019 and by the ILO in 2018. A report was also presented literature review on the topic, especially authors of economic thought. This research has a qualitative character and also included descriptive analysis of numerical data. It was found that migration among countries can be caused by several factors, but that the search for better living conditions predominates, both in economic terms and in issues related to security. It was observed that, in 2019, 3,5% of the world population was a migrant, and in 2018, about 63% of international migrants were workers and, of that portion, more than 86% were in high or middle high income countries. The results indicate that the formation and economic history of countries and imperialist policies can affect the displacement of human beings among different territories.

Keywords: International political economy. Labor migration. International migrants.

1 INTRODUÇÃO

A migração de seres humanos entre diferentes territórios não é um fenômeno recente. Além de fazer parte da história da humanidade, a migração permitiu a fixação da espécie em quase todas as partes do globo. Milênios após a povoação do território global, os seres humanos continuam a se deslocar.

A migração internacional, constituída pelo deslocamento de pessoas que deixam os seus países de origem para se fixarem noutra país, tem recrudescido nos últimos anos, sendo, em 2019, 78% maior do que era em 1990, de acordo com dados da Organização Internacional para as Migrações (IOM, 2019).

Nesse contexto, tem-se notado nos últimos anos o recrudescimento de discursos anti-imigratórios, especialmente em países como os Estados Unidos e membros da União Europeia, considerados mais atrativos devido ao seu desenvolvimento econômico. Em eleições recentes, observou-se a conquista de apoio popular por parte de políticos com essa retórica, sendo exemplos Donald Trump, nos Estados Unidos, Marine Le Pen, na França, Matteo Salvini, na Itália, além do projeto do Brexit, no Reino Unido.

Especialmente após os atentados terroristas no dia 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, dentre outros atentados em países do norte do globo, reforçaram-se discursos de que o recebimento de imigrantes está vinculado a ameaças à segurança, além da competição por postos de trabalho.

Nos países receptores, enquanto os interesses empresariais anseiam pelo influxo de mão de obra barata, a massa da população, já assombrada pela precariedade de sua condição e expectativas sociais, vê nesse influxo um sinal de maior competição no mercado de trabalho e maiores incertezas (BAUMAN, 2017).

Tendo em vista o exposto, o presente trabalho visa identificar qual o perfil dos migrantes internacionais em anos recentes, focando nos trabalhadores migrantes. O objetivo do estudo é identificar as características dos migrantes internacionais da atualidade, como gênero, idade, países de origem e destino e razões da migração. Como objetivos específicos podem ser listados: a) Revisar a literatura sobre movimentos migratórios, especialmente autores do pensamento econômico; b) Traçar o perfil dos migrantes internacionais na atualidade com foco nos trabalhadores migrantes; c) Analisar as possíveis causas da migração internacional em anos recentes e sua relação com aspectos econômicos.

A presente pesquisa possui caráter qualitativo e também conta com análise descritiva de dados numéricos. Os dados foram obtidos em fontes secundárias, nos boletins emitidos pela Organização Internacional para Migrações (OIM) e Organização Internacional do Trabalho (OIT), ambas agências da ONU (Organização das Nações Unidas), para os anos de 2019 e 2017, respectivamente.

O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução. Na próxima seção, será apresentada uma revisão teórica e conceitual acerca de movimentos migratórios internacionais. Na seção 3, serão apresentados os dados sobre migrações internacionais em anos recentes. As

considerações finais são tecidas na seção 4 e, por fim, a seção 5 apresenta as referências utilizadas neste trabalho.

2 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

Na segunda metade do século 20, a migração internacional se mostrou um fator de transformação social mundial e, ao que tudo indica, no século XXI sua importância crescerá ainda mais, tendo em vista o aumento de volume na mobilidade da população (CASTLES, 2000).

De acordo com a OIM, migração internacional é o movimento de “pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país”. A migração laboral, por sua vez, pode ser definida como pessoas que se movimentam entre diferentes Estados com o intuito de encontrarem emprego (IOM, 2009, p. 42).

Migrantes em idade produtiva, por sua vez, são um subconjunto dos migrantes internacionais e representam os migrantes com 15 anos ou mais de idade. Dentro desse grupo existem ainda os trabalhadores migrantes, que constituem migrantes internacionais em idade produtiva que estão empregados ou desempregados em seu país de residência atual (ILO, 2018).

Considerando o caso de migrações forçadas, de acordo com o Glossário sobre Migração (IOM, 2009), elas são comumente caracterizadas como um movimento migratório em que existem ameaças à vida ou à sobrevivência. As origens desse elemento de coação, por seu turno, podem ter causas naturais ou provocadas pelos homens.

Assim, refugiado é a pessoa que, temendo perseguição em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país onde tem nacionalidade e, em virtude disso, não pode ou não deseja pedir a proteção de seu país (IOM, 2009).

Segundo Waldman (2018), existem alguns motivos principais que levam as pessoas a migrarem de um país para outro: para se reunirem com familiares que estão residindo em outros países; insatisfação com a situação de vida no país de origem; busca por oportunidades de trabalho e/ou de acesso a direitos fundamentais; aquisição de conhecimento e/ou contato com uma nova cultura; para garantir sua sobrevivência diante de perseguições (políticas, religiosas, raciais, de gênero, etc) ou para fugir de catástrofes. Para a autora, cada migrante possui seus próprios motivos, ainda que influenciado pelo contexto em que vive.

As razões para migrar são conscientes e também inconscientes. Nem todos sabem por que o fazem, ou ao menos, as razões manifestas podem guardar outras, latentes. Ao

tentar listar todas as razões que motivariam a mobilidade das pessoas, chega-se à conclusão de que a lista é interminável e que, por essa razão, todos nós estamos sujeitos a migrar em algum momento da vida (WALDMAN, 2018, p. 13).

Sasaki e Assis (2000) destacam que para autores clássicos, como Malthus, Marx, Durkheim e Weber, a imigração era uma preocupação secundária, sendo tratada como uma consequência do processo de industrialização e urbanização das sociedades ao longo do desenvolvimento do capitalismo.

Considerando o aspecto econômico, Walteros (2010) apresenta as explicações sobre migração internacional em diferentes escolas de pensamento, afirmando que a verificação empírica de teorias sobre migração requer constante atualização, sofrendo influência de componentes de análise como países envolvidos, metodologia utilizada e período em análise.

Nas obras de Smith (1776) e Malthus (1798) é possível relacionar os movimentos migratórios com o desenvolvimento da produção por meio da livre mobilidade dos fatores, como parte da escolha do indivíduo no exercício de suas liberdades individuais, como motivação por diferenças salariais e como resultado do crescimento populacional e da busca por bem estar.

Mill (1848), por sua vez, compreendeu a emigração como uma oportunidade de expansão do colonialismo. Hayek (1988), por seu turno, sustenta a eliminação de fronteiras entre as nações em favor da produtividade, do comércio e da competição.

Estudos de cunho neoclássico sugerem que os trabalhadores calculam o valor das oportunidades de emprego disponíveis nos diferentes mercados e, ponderando os custos para fazer a mudança potencial, escolhem a opção que maximiza seus ganhos ao longo da vida (BORJAS, 2012).

No início do século XX a imigração ganhou maior destaque nos debates acadêmicos devido ao deslocamento de pessoas da Europa para países do Novo Mundo, especialmente os Estados Unidos. Esses debates ganharam contornos polêmicos na esfera política que perduram ainda hoje, particularmente no que tange à constituição da sociedade (SASAKI; ASSIS, 2000).

Nesse contexto, em meados do século XX, estudos marxistas sobre o tema enfocaram a perspectiva dos imigrantes enquanto exército de trabalhadores de reserva a partir da análise da contratação de mão de obra temporária em países europeus. Não obstante a força de trabalho imigrante fosse bem vinda pelos empregadores a fim de baixar os salários, ela não era incentivada a permanecer nos países receptores após o término dos contratos, ficando, até mesmo, desprovida de direitos sociais (SASAKI; ASSIS, 2000).

Com relação às ideias marxistas, cabe destacar que, de acordo com Marx (1867), a acumulação capitalista produz constantemente uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, demasiada para as necessidades de valorização do capital e, portanto, supérflua. Esses trabalhadores excedentes são ao mesmo tempo causa e resultado da acumulação do capital. Marx (1867) os define ainda como condição necessária para a existência do modo de produção capitalista.

Produzindo a acumulação do capital, a população trabalhadora produz os meios que a tornam relativamente supranumerária. Ela constitui o que Marx (1867) chama de exército industrial de reserva, disponível para ser explorado e proporcionando mão de obra em abundância para novos ramos de atividade sem necessidade de pressionar os setores já existentes.

Nesse sentido, Magalhães (2013) investigou e apresentou relações históricas entre a Divisão Internacional do Trabalho (DIT) e a migração de trabalhadores, sob a perspectiva da teoria marxista da dependência. O autor afirma que a migração internacional é um elemento constituinte do capitalismo em escala global, sendo suas características condicionadas pelas transformações na DIT.

Para o autor, o desenvolvimento do capitalismo no continente americano, por exemplo, é marcado pelo fenômeno da dependência e este, por sua vez, incide sobre as condições de vida e de trabalho da população, engendrando historicamente um conjunto de fatores de expulsão desta força de trabalho rumo a outros países.

Pochmann (2000) afirma que uma nova fase da DIT vem ocorrendo desde meados do século XX. Devido à revolução tecnológica e ao advento de corporações transnacionais, observa-se a descentralização de cadeias produtivas, onde as empresas podem considerar o mundo todo como espaço relevante para sua tomada de decisão, deslocando sua capacidade produtiva para localidades onde há maior possibilidade de lucro.

Corroborando as análises de Pochmann (2000), Huws (2006) observa que, na segunda metade do século XX, havia uma tendência para que empresas da indústria de transformação dividissem seus processos de produção em partes menores e distribuíssem essas atividades ao redor do mundo de acordo com as condições fiscais e salariais mais vantajosas. Nesse contexto, países menos desenvolvidos flexibilizaram suas legislações ambientais e trabalhistas e concederam incentivos fiscais para atrair capital estrangeiro ao seu território.

Nesse contexto, Cardoso e Reis (2018) afirmam que as Cadeias Globais de Valor (CGVs) permitiram a inserção de países menos desenvolvidos na geração global de valor, haja vista que configuram uma DIT com progressiva fragmentação das cadeias produtivas das

empresas transnacionais, separando as etapas de produção e consumo no tempo e no espaço. Não obstante, para as autoras a distinção entre centro e periferia, destacada por autores da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) permanece válida.

Isso é possível uma vez que o desenvolvimento econômico advindo da complexidade industrial está condicionado, dentre outras coisas, à intensidade dos efeitos de encadeamento do setor de exportação, o que pode não ocorrer quando determinado país fica apenas com um fragmento do processo produtivo, fato observado em países industrializados, mas subdesenvolvidos na atualidade (CARDOSO; REIS, 2008).

Avallone (2018), por sua vez, argumentou em seu estudo que o passado colonial de alguns países produz efeitos sobre a determinação da força de trabalho migrante, indicando que as relações “metrópole-colônia” transpuseram fronteiras geográficas e se apresentam como relações políticas e sociais.

Para Martine (2005), a migração é consequência das desigualdades entre países e essas desigualdades são acentuadas pelo processo de globalização. Nesse contexto, o autor avulta que os países desenvolvidos apresentam vantagens com relação às demais nações, especialmente no tange ao poder de negociação e à existência de dívidas externas, e que esses benefícios são acentuados pelo mecanismo de mercado.

Considerando a migração de trabalhadores desempregados, Martine (2005) destaca que ela ultrapassa aspectos econômicos, apresentando um caráter multidimensional: político, cultural, social, ambiental e demográfico. Entre essas dimensões, é possível que ocorram tensões difíceis de serem solucionadas devido à desigualdade de forças entre os diferentes atores internacionais e à ausência de um governo em nível global.

Nesse contexto de migração em busca de trabalho, Khiabany (2016) a relaciona com a desigualdade de renda entre os países, afirmando que a primeira pode ser considerada como um movimento forçado em virtude da segunda. Para o autor, essa desigualdade está fortemente atrelada à formação e história econômica dos países e o que as nações desenvolvidas chamam de crise migratória está relacionada a uma crise mais ampla e que envolve o gerenciamento de um grande exército de trabalhadores de reserva.

O autor considera que a origem dos movimentos migratórios recentes está diretamente ligada à história, classes, capitalismo e imperialismo. Para ele, a migração é um produto da desigualdade de renda no mundo, mas mais do que isso, é um elemento importante de como essa desigualdade é produzida, mantida e gerenciada.

Nas palavras do autor:

De fato, é impossível compreender a crise atual sem levar em conta as crescentes desigualdades sociais nos níveis nacional e global, a financeirização do capitalismo global, a rápida degradação ambiental, bem como o aumento de intervenções imperialistas no Oriente Médio e na África, como uma principal fonte de migração forçada e níveis impressionantes de deslocamento. 'Eles' (refugiados) estão aqui porque 'nós' estamos lá (KHIABANY, 2016, p. 760, tradução própria)¹.

Castles (2000) considera que na história da humanidade sempre houveram movimentos populacionais, seja em resposta ao crescimento populacional, seja às mudanças climáticas ou às necessidades econômicas. Para o autor, as guerras e a formação de nações, estados e impérios levaram a migrações voluntárias e forçadas.

Porém, o autor argumenta que os fluxos de capital geralmente são bem recebidos pelos detentores de poder econômico e político, enquanto a imigração é percebida como uma ameaça à identidade nacional. Contudo, a mobilidade da população está intimamente relacionada a outros tipos de fluxos transfronteiriços.

Nesse sentido, Bauman (2017) observa que os países de origem dos imigrantes são analisados com preocupação por parte dos países receptores no que tange a fortificação de fronteiras, mas pouco se observa sobre as causas originais da migração.

Bauman (2017) afirma que a migração em massa não é um fenômeno recente, haja vista que tem acompanhado a era moderna desde seus primórdios. Para o autor, esse movimento é consequência de um modo de vida moderno que produz pessoas não empregáveis, em razão do progresso econômico, ou não toleráveis, em função de agitações, conflitos e dissensões causados por transformações sociais e políticas e subsequentes lutas por poder. Essas situações somadas à desestabilização do Oriente Médio, na esteira das políticas ocidentais, unem migrantes econômicos e refugiados aos que buscam abrigo nas partes mais desenvolvidas do globo.

Entende-se, portanto, que o capitalismo, ao passo que se desenvolve, pode separar o trabalhador não apenas dos meios de produção, mas também de seu território, na medida em que a divisão internacional do trabalho e a globalização se ampliam.

3 MIGRAÇÃO INTERNACIONAL EM ANOS RECENTES

¹ *It is in fact impossible to comprehend the current crisis without taking into account the increasing social inequalities at national and global levels, the financialisation of global capitalism, the rapid environmental degradation, as well as increased imperialist interventions in the Middle East and Africa, as a major source of forced migration and staggering levels of displacement. 'They' (refugees) are here because 'we' are there (KHIABANY, 2016, p. 760).*

De acordo com dados da OIM, em 2019 haviam 272 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo, cerca de 78% a mais que em 1990 (153 milhões) e quase o triplo do que havia em 1970 (84 milhões) (IOM, 2019).

A Tabela 1 apresenta alguns dados sobre migração referentes ao ano de 2019.

Tabela 1 – Dados sobre migração internacional no ano de 2019

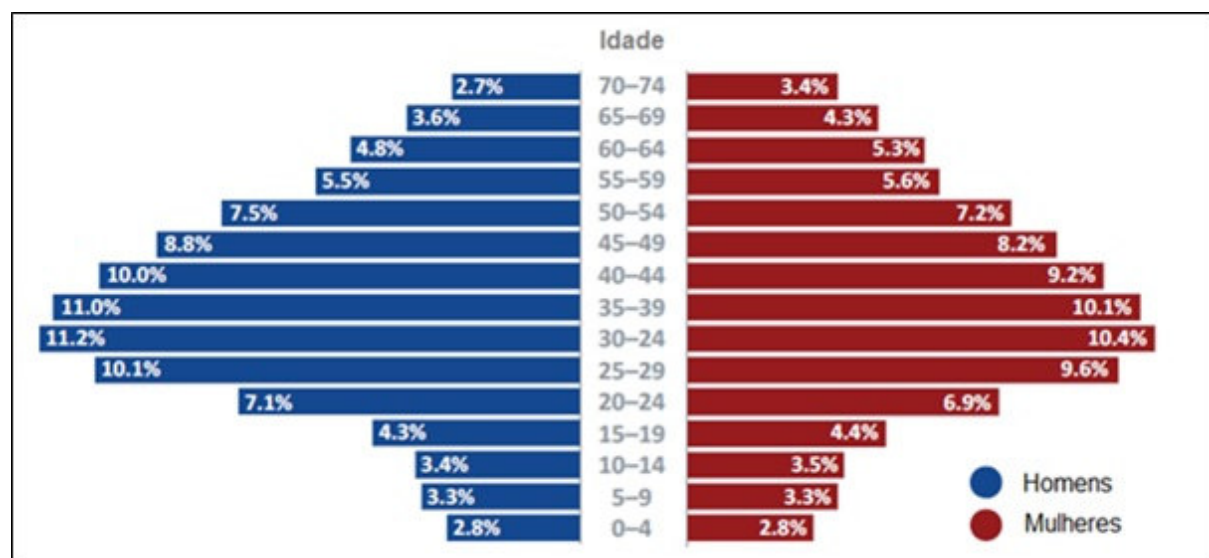
Número estimado de migrantes internacionais	272 milhões
Proporção de migrantes no total da população mundial	3,5%
Proporção de mulheres no total de migrantes internacionais	47,9%
Proporção de crianças no total de migrantes internacionais	13,9%
Número de refugiados	25,9 milhões

Fonte: Adaptado de IOM (2019).

Nota-se que os migrantes internacionais correspondem a 3,5% da população mundial, ou seja, esse era o percentual de pessoas deslocadas de seus países de origem em 2019. Do total de migrantes internacionais, pouco menos da metade (47,9%) eram mulheres e 13,9% eram crianças. Ainda considerando essa população, aproximadamente 9,5% (25,9 milhões de pessoas) eram refugiados, ou seja, foram forçados a migrar por questões de segurança.

A Figura 1 ilustra a distribuição percentual de migrantes internacionais no ano de 2019 de acordo com o gênero e a faixa etária do imigrante.

Figura 1 – Distribuição percentual de imigrantes internacionais de acordo com gênero e idade em 2019



Fonte: Adaptado de IOM (2019).

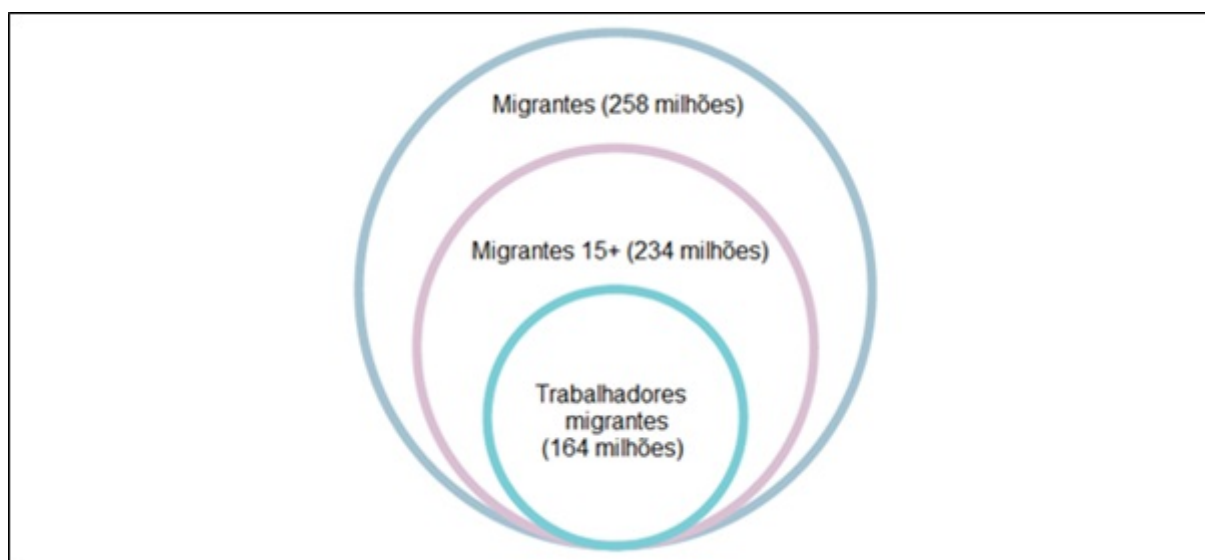
A partir da Figura 1, percebe-se que a maior concentração de migrantes internacionais, tanto homens quanto mulheres, está na faixa de idade entre 30 e 24 anos, sendo que mais da

metade dos imigrantes têm entre 20 e 49 anos (58,2% dos homens e 54,4% das mulheres), sendo a faixa de idade considerada mais produtiva para o trabalho.

Considerando dados da OIT, em 2017 o grupo de migrantes internacionais em idade produtiva era constituído por 234 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo 164 milhões o número dos trabalhadores migrantes (ILO, 2018).

Essas informações estão representadas na Figura 2.

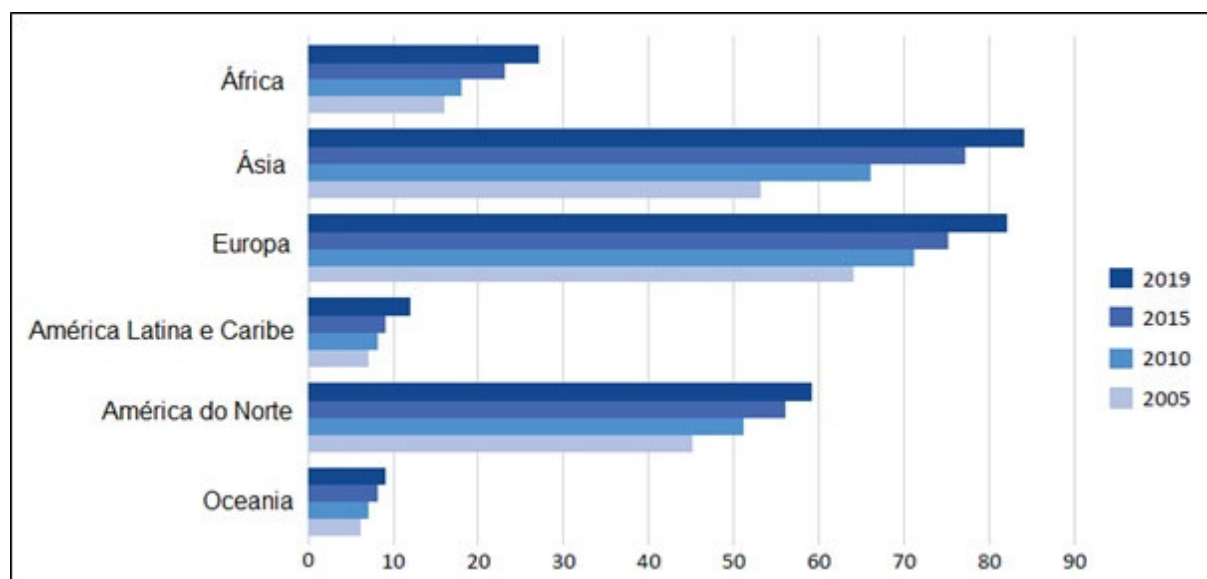
Figura 2 – Proporção entre migrantes, migrantes em idade produtiva e trabalhadores migrantes no ano de 2017



Fonte: Adaptado de ILO (2018).

Com relação ao destino dos imigrantes, em 2019, a Europa e a Ásia receberam, cada uma, cerca de 82 milhões e 84 milhões de migrantes internacionais, respectivamente (61% do total de migrantes internacionais). Essas regiões foram seguidas pela América do Norte (quase 59 milhões de migrantes internacionais, 22% do estoque global de migrantes). O continente africano, por sua vez, recebeu cerca de 10% dos migrantes internacionais, a América Latina e o Caribe, 4%, e a Oceania, 3%, conforme ilustrado na Figura 3.

Figura 3 – Número de migrantes internacionais, por principal região de residência (em milhões)



Fonte: Adaptado de IOM (2019).

Outra informação interessante a ser extraída da Figura 3, é que, para todas as regiões analisadas, o recebimento de imigrantes tem aumentado nos últimos 14 anos.

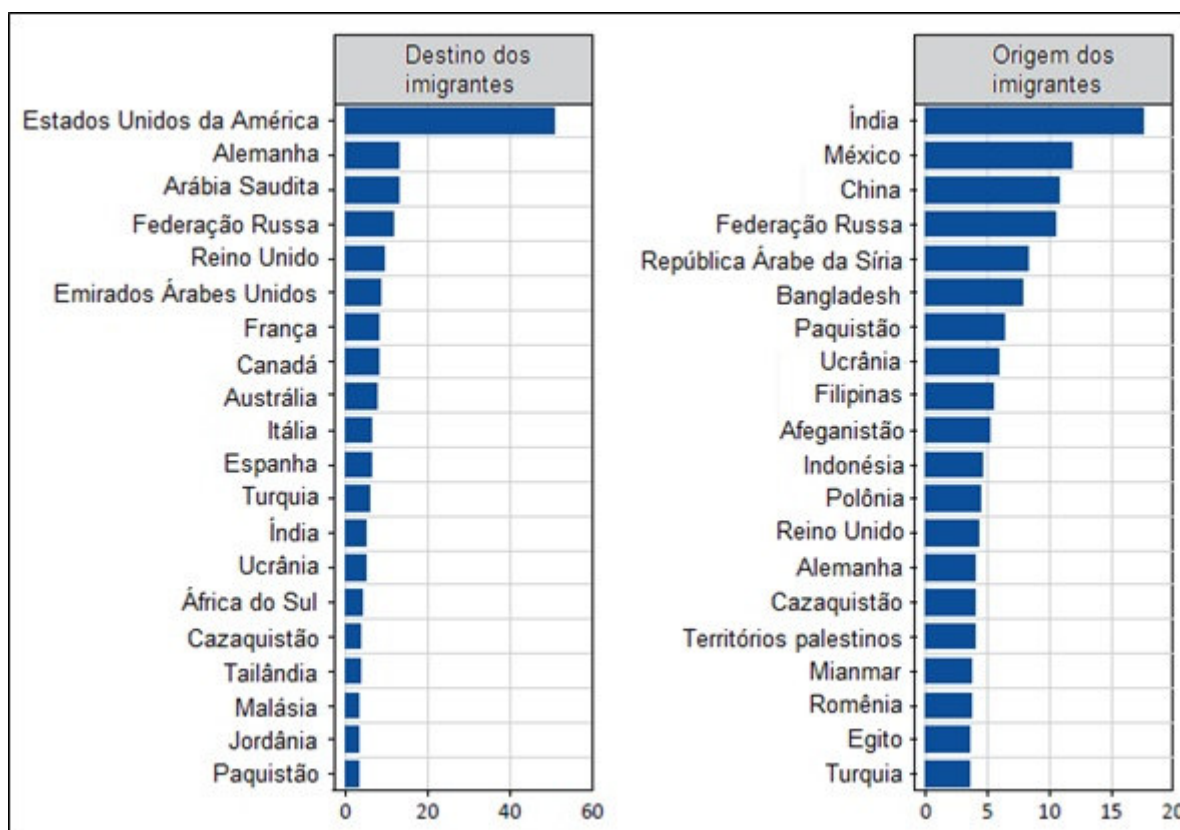
Quando comparado com o tamanho da população em cada região, a proporção de migrantes internacionais em 2019 foi mais alta na Oceania (21%), América do Norte (16%) e Europa (11%). Em contrapartida, a proporção de migrantes internacionais é relativamente pequena na Ásia e na África (1,8% e 2% da população total, respectivamente) e na América Latina e Caribe (1,8%) (IOM, 2019).

No entanto, o continente asiático experimentou o crescimento mais notável de migrantes entre os anos 2000 e 2019 (69%, cerca de 34 milhões de pessoas), seguido pela Europa (aumento de 25 milhões de migrantes internacionais) e América do Norte (18 milhões) (IOM, 2019).

Os Estados Unidos da América são o principal país de destino de migrantes internacionais desde 1970. Desde esse período, o número de estrangeiros residentes no país mais do que quadruplicou: de menos de 12 milhões em 1970 para quase 51 milhões em 2019. A Alemanha, o segundo maior destino de imigrantes, também observou um aumento ao longo do século XXI (8,9 milhões em 2000 para 13,1 milhões em 2019) (IOM, 2019).

A Figura 4 apresenta, na coluna da esquerda, os 20 principais países de destino dos migrantes internacionais e, na coluna da direita, os 20 principais países e territórios de origem dos migrantes internacionais em 2019 (em milhões de pessoas).

Figura 4 – Principais destinos e origens de migrantes internacionais em 2019 (milhões)

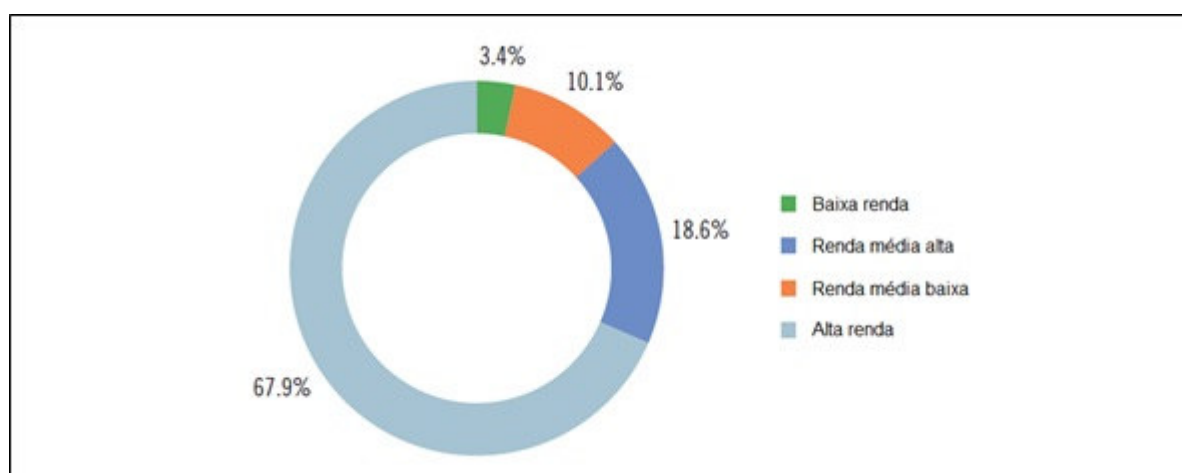


Fonte: Adaptado de IOM (2019).

Com relação à origem dos migrantes internacionais, nota-se que, em 2019, mais de 40% eram nascidos na Ásia, principalmente originários da Índia, China (primeiro e terceiro países de origem, respectivamente) e países do sul da Ásia, como Bangladesh, Paquistão e Afeganistão. No mesmo ano, o México foi o segundo maior país de origem dos imigrantes.

Classificando os países em quatro grupos de renda *per capita* (baixa, média baixa, média alta e alta), a OIT afirma que os trabalhadores migrantes estão concentrados em países de renda alta (67,9%) e média alta (18,6%), ao passo que 10,1% se encontram em países de renda média baixa e apenas 3,4% em países de baixa renda, conforme Figura 5.

Figura 5 – Trabalhadores migrantes por nível de renda dos países no ano de 2017



Fonte: Adaptado de ILO (2018).

A grande presença de trabalhadores migrantes em países de alta renda se reflete em sua participação no total de trabalhadores desses países, 18,5%, enquanto nos países de baixa renda sua participação fica em torno de 2% (ILO, 2018).

Em termos regionais, 23,9% dos trabalhadores migrantes do mundo estão localizados nas regiões Norte e Sul da Europa e Europa Ocidental, 23% na América do Norte e 13,9% estão nos Estados Árabes. Em contrapartida, as regiões da Europa Oriental, África Subsaariana, Sudeste da Ásia e Pacífico e Ásia Central e Ocidental hospedam entre 5% e 8% dos trabalhadores migrantes do mundo. Por sua vez, o Sul da Ásia, a Ásia Oriental e a América Latina e Caribe acolhem menos de 5% dos trabalhadores migrantes do mundo, ao passo que no Norte da África essa proporção não chega a 1% (ILO, 2018).

Nesse contexto, cabe ressaltar os achados por Cardoso e Reis (2018), que, analisando a inserção dos países nas CGVs, observaram que os países mais ricos em termos de PIB *per capita* permaneceram praticamente os mesmos entre os anos 1980 e 2016, sendo representados pela Europa Ocidental e do Norte, EUA, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Japão e Arábia Saudita. Essas informações reforçam a hipótese de que os emigrantes têm sua origem em países mais pobres, ao passo que países mais ricos são receptores de imigrantes.

Dentre as causas dos movimentos migratórios internacionais recentes, a OIM destaca em seu relatório os deslocamentos de milhões de pessoas devido a conflitos armados, como entre a República Árabe Síria, Iêmen, República Centro-Africana, República Democrática do Congo e Sudão do Sul; situações de violência extrema, como infligida ao povo Rohingya, minoria de Mianmar forçada a buscar segurança em Bangladesh; ou à instabilidades políticas e econômicas severas, como a enfrentada por milhões de venezuelanos (IOM, 2019).

Cabe destacar que mudanças climáticas e ambientais também impactam os movimentos migratórios, caso em que o deslocamento Rohingya também é um exemplo, além de Moçambique, Filipinas, China, Índia e os Estados Unidos da América (IOM, 2019).

De acordo com o relatório da OIM (IOM, 2019), apesar da estimativa de que 96,5% da população mundial reside em seu país de nascimento, a proporção de migrantes internacionais atual supera algumas projeções feitas para o ano de 2050, que eram da ordem de 2,6% (230 milhões de pessoas). Assim, o ritmo de migração internacional para os próximos anos é difícil de prever, especialmente considerando a situação atual de pandemia.

Ademais, a migração internacional não é uniforme entre os países e depende de fatores econômicos, geográficos e demográficos, por exemplo, ocasionando padrões distintos como os "corredores" de migração. Os maiores corredores são caracterizados como sendo uma ligação entre países menos desenvolvidos e economias maiores, como as dos Estados Unidos da América, França, Federação Russa, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita (IOM, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou apresentar o perfil dos migrantes internacionais, com foco nos trabalhadores migrantes, e as possíveis causas de sua migração em anos recentes, tendo como base os relatórios divulgados pela OIM, em 2019, e pela OIT, em 2018.

Também foi apresentada uma revisão de literatura sobre o tema, onde constatou-se que a migração entre países pode ser ocasionada por fatores diversos, mas que predomina a busca por condições melhores de vida, seja em termos econômicos, seja em questões relacionadas à segurança.

Focando a análise em trabalhadores migrantes, notou-se diferentes explicações dentro da teoria econômica. É possível encontrar teorias que relacionam este movimento à escolha racional dos indivíduos e à livre mobilidade de fatores de produção (SMITH, 1776; MALTHUS, 1798; HAYEK, 1988; BORJAS, 2012).

Contudo, também existem correntes de pensamento que classificam a migração em busca de trabalho como resultado da globalização e das desigualdades sociais entre os países. Esta desigualdade, por sua vez, é apontada por alguns autores como consequência do processo de formação econômica de cada país, sofrendo forte influência de situações de colonialismo, imperialismo e divisão internacional do trabalho (MILL, 1848; MARTINE, 2005; MAGALHÃES, 2013; KHIABANY, 2016; BAUMAN, 2017; AVALLONE, 2018).

De acordo com os dados apresentados na seção 3, onde observa-se que cerca de 63% dos migrantes internacionais em 2018 eram trabalhadores. Além disso, dessa parcela, mais de 86% estavam em países de renda alta ou média alta.

Com relação aos territórios de origem e destino dos migrantes, há indícios de confirmação das ideias apresentadas pelo segundo grupo de autores. Notou-se a emigração em maior escala em continentes outrora colonizados (Ásia, África e América Latina e Caribe, por exemplo) para países da Europa e para os EUA. O EUA podem ser considerados uma exceção neste caso, haja vista que, apesar de ter sido colônia inglesa, é um país de alta renda e grande receptor de imigrantes. Com relação aos refugiados, a situação que os envolve abrange questões políticas, econômicas, ideológicas e ambientais.

Corroborando os autores referenciados, os resultados indicam que a formação e história econômica dos países e políticas de cunho imperialista podem afetar o deslocamento de seres humanos entre diferentes territórios. Independentemente do motivo da migração, nota-se que muitos países que hoje repudiam a entrada de imigrantes em seus territórios possuem responsabilidade histórica na situação atual dessas pessoas.

Além disso, confirmando as previsões de Castles (2000), verificou-se que os movimentos migratórios internacionais vêm crescendo nos últimos anos acima do esperado, estando 78% superior ao nível dos 1990 e superando a meta de 2,6% da população mundial para 2050 (3,5% em 2019).

Sugere-se como trabalho futuro, uma investigação sobre as relações históricas existentes entre os territórios de origem e destino dos migrantes internacionais, identificando relações mais detalhadas com políticas colonialistas e imperialistas e com a divisão internacional do trabalho.

REFERÊNCIAS

AVALLONE, G. *Migraciones y relaciones de poder en la agricultura global contemporánea: entre actualidad y ruptura de la herencia colonial*. **Relaciones Internacionales**. N. 36, p. 73-92, out. 2017/ jan. 2018.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BORJAS, G. **Economia do trabalho**. 5ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

CARDOSO, F.G.; REIS, C.F.B. Centro e periferia nas cadeias globais de valor: uma interpretação a partir dos pioneiros do desenvolvimento. **Revista de Economia Contemporânea**. Vol. 22, n. 3, p. 1-32, set./dez. de 2018.

CASTLES, S. *Migración internacional a comienzos del siglo XXI: tendencias y problemas mundiales*. *Revista internacional de ciencias sociales*. N. 165, p. 17-32, set. 2000.

HAYEK, F.A. [1988]. **A arrogância fatal**: os erros do socialismo. Porto Alegre: Ortiz, 1995.

HUWS, U. *Fixed, Footloose, or Fractured: Work, Identity, and the Spatial Division of Labor in the Twenty-First Century City*. *Monthly Review*. Vol. 57, n. 10, p. 34-44, mar. 2006.

IOM. **Glossário sobre Migração**. Direito Internacional da Migração – nº 22. Organização Internacional para as Migrações. Genebra: IOM, 2009.

IOM. *World Migration Report 2020*. International Organization for Migration. Genebra: IOM, 2019.

ILO. *ILO global estimates on international migrant workers: results and methodology*. 2ª ed. International Labour Office. Genebra: ILO, 2018.

KHIABANY, G. *Refugee crisis, imperialism and pitiless wars on the poor*. *Media, Culture & Society*. Vol. 38, n. 5, p. 755-762, 2016.

MAGALHÃES, L.F.A. **Migração internacional e dependência na Divisão Internacional do Trabalho**: um estudo da região sul de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s/n] 2013.

MALTHUS, T.R. [1798]. **Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática**: ensaio sobre a população. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em perspectiva**. Vol. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005.

MARX, K. [1867]. **O capital**: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MILL, J.S. [1848]. **Princípios da economia política**: com algumas de suas aplicações políticas. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

POCHMANN, M. Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho. IE/Unicamp, Campinas, 2000. Disponível em: <http://decon.edu.uy/network/panama/POCHMANN.PDF>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SASAKI, E.M.; ASSIS, G.O. Teorias das migrações internacionais. **Anais...** XII Encontro Nacional da ABEP, Caxambu, out. 2000.

SMITH, A. [1776]. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

WALDMAN, T.C. **Uma introdução às migrações internacionais no Brasil contemporâneo**. Módulo 1. Brasília: DPU/OIM, 2018.

WALTEROS, J.A.G. *La migración internacional: teorías y enfoques, una mirada actual. Semestre Económico*. Vol. 13, n. 26, p. 81-100, jan./jun. 2010.